

GRAFITE: DA MARGINALIDADE ÀS GALERIAS DE ARTE

Professor Geraldo Honorato
geraldohonorato@terra.com.br
Orientador: Professor Mestre Flávio Marinho
flamar@bol.com.br
Faculdade de Artes do Paraná
Programa de Desenvolvimento Educacional – 2008/2009

RESUMO: Neste artigo estão os resultados da implementação de conteúdos relativos ao tema em turmas de ensino médio de um trabalho que partiu de uma pesquisa apresentada ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná. Realizou-se discussões, estudos de documentos escritos e audiovisuais, coleta de imagens através da fotografia por parte dos alunos e também algumas experimentações com técnicas afinizadas ao grafite. Destacam-se também considerações sobre a história do grafite e como este difere da pichação, partindo de uma análise concisa de alguns autores e obras de artistas que fazem uso dessa forma de expressão.

PALAVRAS-CHAVE: grafite, pichação, arte na educação, vandalismo, espaço urbano.

ABSTRACT: In this article are the results of the implementation of material related to the subject in high school classes of work that came from a survey presented to the Program for Educational Development of the State of Paraná. Held discussions, studies of written and audio-visual collection of images through photography by the students and also some experimentation with techniques affinitized to graphite. It is also worth consideration of the history of graffiti and how it differs from graffiti, from a concise analysis of some authors and works of artists who use this form of expression.

KEYWORDS: graffiti, art education, vandalism, urban space.

INTRODUÇÃO

No desenvolvimento deste trabalho, serão mostrados os resultados da pesquisa sobre a historia do grafite e principalmente das suas implicações sociológicas.

A necessidade de estudar o grafite vem em consonância com a aplicação das novas formas preconizadas para a disciplina de Arte na escola conforme a Lei

de Diretrizes e Bases 9394/96 que deve ser desenvolvido os aspectos culturais aliados a conteúdos presentes na realidade do educando. Também se encontra na possibilidade de análise das estruturas sociais vigentes de hoje até o seu aparecimento.

Além da abordagem histórica e comentários sobre técnicas relacionadas com o grafite, apresenta-se também como foi o desenvolvimento do assunto na implementação em sala de aula e como os alunos conseguiram entender os propósitos da pesquisa.

Os problemas relativos à pichação e o grafite levam à análise das estruturas sociais vigentes, bem como, a forma como os grupos sociais dominantes tem orientado as manifestações estéticas de uma sociedade, evitando as transgressões das regras de suas escolas ou academias.

A partir de uma visão da ação popular e “não ação” das massas em pensamentos sustentados por Jean Baudrillard e nos relatos de Maria Antoniaci Ramos, procura-se ver o ato de pichar e grafitar com mais profundidade do que simplesmente um “vandalismo”, uma “livre expressão” ou somente um “protesto”.

A implementação ocorreu no Colégio Estadual do Paraná, nas dependências da Escolinha de Arte, juntamente com as turmas 1º A e 1ºK, do primeiro ano do Ensino Médio no turno vespertino, para se cumprir um dos objetivos do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Este objetivo era o de levar para as salas de aula do Estado do Paraná, novas abordagens de conteúdos que podem ser enriquecidos através da pesquisa dos professores, buscando realmente melhorar o andamento das aulas e conseqüentemente a aprendizagem dos alunos.

O QUE É GRAFITE E O QUE É PICHAÇÃO

Diante da visualização de um grafite e uma pichação tem-se a idéia de que são coisas bem distintas. O senso comum faz a distinção entre as duas manifestações por perceberem elementos gráficos diferentes com expressões específicas. Na forma de realização, o grafite se difere da pichação por ter como objetivo um resultado mais elaborado e preocupado com questões técnicas e

compositivas, já a pichação se apresenta como uma ação mais rápida, gestual, desprovida da intenção de elaborações artísticas. Mas, o que caracteriza as duas ações é a manifestação no espaço público; quer ele seja autorizado¹ ou não. Geralmente, pessoas que fazem grafite, também em outros momentos podem pichar. É raro de se encontrar elementos que só picham, quando isso acontece ou tem uma intenção provocativa de interferência ou convive com os grupos de grafiteiros, o que o leva a se manifestar dessa forma.

Segundo Célia Maria Antoniacci Ramos, “a pichação é um *proto* grafite, que parte de um processo mais anárquico de criação, onde o que importa é transgredir e até agredir, marcar a presença, provocar, chamar atenção sobre si e sobre o suporte”, o que vai levar a uma diferenciação das duas formas de interferência. Já a característica do grafite, está sempre ligada a um trabalho com grau bem menor de agressividade, pois deriva de um ato mais pensado e menos voltado para a força do gesto:

Aos pichadores interessa mais o ato, o rito, o aparecer, o transgredir, e menos o processo criador. A eles o resultado estético não é só secundário, como chega, em alguns casos (como nos rabiscos e palavrões), a ser algo a ser desafiado; já que, com uma estética dissonante que busca o rabisco, o sujo, mais se transgride os padrões da cultura, e, logo, mais se chama atenção sobre si e sobre o trabalho. (RAMOS, 1994, p.49)

Para a autora existe diferença entre os dois tipos de grafite, (espontâneo e mural). Portanto, a partir desta posição, o grafite e a pichação são duas formas diferentes de interferência, mesmo partindo da mesma raiz. Tanto um quanto outro, geram desconforto e estranhamento; dão uma nova visão dos muros que se apresentam como “imagens tatuadas”²

A PINTURA MURAL

A pintura mural difere de todas as outras formas de arte pictórica por estar profundamente vinculada à arquitetura. Nessa técnica, o emprego da cor e do

¹ Waldemar Zaidler chamou este tipo de grafite de “híbrido”, o mural grafite.

² J. Baudrillard – Filósofo e jornalista francês contemporâneo. Baudrillard utilizou a expressão no artigo “Kool Killer”, p. 40.

desenho e o tratamento temático podem alterar radicalmente a percepção das proporções espaciais da construção.

Muralismo é a arte da pintura mural, que engloba o conjunto de obras pictóricas realizadas sobre parede. A técnica de uso mais generalizado é a do afresco, que consiste na aplicação de pigmentos de cores diferentes, diluídos em água, sobre argamassa ainda úmida.

A pintura mural tem raízes no instinto primitivo dos povos de decorar seu ambiente e de usar as superfícies das paredes para expressar ideias, emoções e crenças.

Entre os povos mesopotâmicos, egípcios e cretenses, os murais eram empregados para decorar palácios e monumentos funerários.

Também foram cultivados nas civilizações greco-romanas, embora destes tenham restado poucos exemplares, entre os quais se destacam os encontrados nas ruínas de Pompeia e Herculano.

A técnica de pintura mural também foi muito empregada na Índia, com brilhantes exemplos como os das cavernas de Ajanta, e na China da dinastia Ming.

A nitidez da cor e a precisão do traçado dos perfis caracterizaram a pintura mural da Idade Média e, em especial, a das construções românicas, nas quais costumavam receber afrescos as absides e os painéis laterais das igrejas, com figuras religiosas em atitude hierática.

Manifestações importantes da arte mural românica são as das igrejas de Berzé-en-Ville, na França, de Oberzell e Reichenau, na Alemanha, e de Tarrasa e Tahull, na Espanha.

No século XIII, os trabalhos de Giotto deram extraordinário impulso à pintura mural e, a partir de então, surgiram grandes mestres dessa técnica. No Renascimento, foram criadas algumas obras-primas do muralismo, como os afrescos da capela Sistina, por Michelangelo, e a "Última ceia", de Leonardo da Vinci.

Com o interesse progressivo por tapeçarias e vitrais para uso na decoração de interiores, a pintura mural entrou em decadência no Ocidente. Excetuados os murais pintados por Rubens, Tiepolo, Delacroix e Puvis de Chavannes, houve poucas obras importantes após o Renascimento.

No século XX, no entanto, a pintura mural ressurgiu, com todo vigor, em três fases principais: um gênero mais expressionista e abstrato que surgiu a partir de grupos cubistas e fauvistas, em Paris, e se manifestou nos trabalhos de Picasso, Matisse, Léger, Miró e Chagall; outro que se manifestou a partir do movimento revolucionário mexicano; e um movimento mural de curta duração, na década de 1930, nos Estados Unidos.

HISTÓRIA DO GRAFITE

Oriundo dos movimentos da cultura Hip Hop, o grafite e a pichação é uma das formas de manifestação visual desses seguimentos. Esse movimento teve sua marca inicial por volta dos anos setenta em Nova Iorque. Surgiu como uma nova maneira da cultura negra norte americana lutar para que suas singularidades étnicas fossem aceitas. As demarcações dos membros do Hip Hop encontraram elo em outras formas de manifestações gráficas, como muros e paredes das cidades parisienses, onde eram feitas em caráter de protestos aos regimes governamentais nas décadas de 60 e 70. O grafite se uniu a outras manifestações seculares de grafismos em algumas cidades européias, com a intenção de protestar contra regras e regimes ou de se manifestar socialmente em relação a uma pessoa ou grupo. O grafite, nas décadas de 80 e 90 acaba por se espalhar pelas grandes cidades do mundo, principalmente do mundo ocidental.

Nos anos 80 e 90, foi muito combatido nas cidades da América do Sul e da Europa. Na entrada do século XXI, quando se poderia pensar que o grafite não passava de uma manifestação marginal que emporcalhava as cidades, ele volta com roupagens de participações no mundo das artes plásticas, valendo destacar Jean Michel Basquiat em Nova Iorque³. O grafite também passa por uma re-elaboração pictórica, o que leva muitos membros a ter sua arte reconhecida, mesmo que os suportes fossem os espaços urbanos.

³ Dentre os grafiteiros, talvez o mais célebre seja Jean Michel Basquiat, que, no final dos anos 1970, despertou a atenção da imprensa nova-iorquina, sobretudo pelas mensagens poéticas que deixava nas paredes dos prédios abandonados de Manhattan. Basquiat ganhou o rótulo de neo-expressionista e foi reconhecido como um dos mais significativos artistas do final do século XX.

No Brasil, após muitos impasses entre grafiteiros e gestores do poder público, projetos e autorizações fazem os trabalhos continuar despontando pela cidade de São Paulo. É em São Paulo que Alex Vallauri, Waldemar Zaidler e Carlos Matuck, desde o final dos anos de setenta e início de oitenta, são abraçados por galerias de arte. Esse grupo faz um grafite chamado “tropical”, pela forma e temas que abordaram.

Diante da avalanche de imagens espalhadas por todas as metrópoles e dos milhares de adeptos do grafite, oriundas das mais variadas classes de níveis sociais e culturais variados, acaba-se por se perguntar: o grafite hoje é o mesmo? O que dizer dos que foram para as galerias? Parte dele já se integrou no movimento comercial do mundo capitalista?

Como exemplo de grafiteiros que alçaram voo para as galerias de arte e para comercialização pode ser citado Os Gêmeos, grafiteiros paulistas amplamente reconhecidos pelo mercado de arte.

ALGUNS GRAFITEIROS DE DESTAQUE

Nina - Carina Arsênio, nascida em 1977, grafita há dez anos em São Paulo, e já passou por diversas capitais ao redor do mundo. *“Represento uma temática feminina a partir de um olhar infantil”*, afirma. Seus personagens, sempre muito coloridos, trazem olhos grandes e expressivos como uma de suas características mais marcantes. Seu trabalho pode ser visto também nas páginas do livro “Graffiti Women” do autor Nicholaz Ganz, que para produzir a obra visitou todos os continentes atrás das 100 artistas mulheres que mais se destacam no mundo do grafite. Dentre outros, participou junto com Os Gêmeos e o artista Nunca do projeto Graffiti Project que consiste na pintura de um antigo castelo na Escócia.

Zeção, também de São Paulo, produz uma arte totalmente particular no interior de canais subterrâneos da cidade. Entrando pelos bueiros ou córregos, o artista registra sua passagem com os chamados *flops*, que são rebuscados

arabescos geralmente em azul, levando a beleza de sua arte para lugares por onde escoam água e muito lixo. Pintou camisetas para a Nike e participou de exposições na galeria de arte onde expõem artistas vindos do grafite, fotografia e de outras modalidades de arte de rua, dentre outros. Seus trabalhos já foram registrados nas principais cidades do mundo.

Kboco, nascido em Goiânia, pinta os muros de sua cidade há cerca de oito anos com um grafite limpo, fluido, com linhas inspiradas no *art nouveau* e com pesquisa aprofundada na cultura de civilizações ancestrais. Além de exposições em Nova Iorque, Espanha e na Galeria Choque Cultural em São Paulo, participou de uma vídeo-instalação, durante o evento Nokia Trend, em São Paulo.

Rafael Calazans Pierri, paulistano conhecido como Highraff, pinta desde 1997. Suas pinturas são detentoras de inúmeros detalhes, formas orgânicas, cores contrastantes e alegres, além de aparente movimento. Também participou do evento Nokia Trend em São Paulo, expõe em diversas galerias internacionais, e em espaços pelo país.

Os Gêmeos: Gustavo e Otávio Pandolfo, paulistanos do Cambuci, nascidos em 1974 são os que mais se propagaram do grafite de rua para as galerias e para o mercado. O currículo da dupla inclui campanha para Nike, exposições em diversos países, capa do livro *Graffiti Brasil*, escrito pelo britânico Tristan Manco, dentre outros. Seus famosos personagens são homens de cabeça amarela, olhos de um estilo próprio e geralmente vestidos com roupas adornadas com minuciosas estampas.

Jean Michel Basquiat: foi um dos primeiros grafiteiros a ter o reconhecimento de seus trabalhos a partir de uma ótica de galerias de arte, graças ao contexto social em que estava envolvido, que fez com que ele se encontrasse com Andy Warhol e Madonna com quem teve um relacionamento pois também grafitava junto com Keith Haring em Nova York. A obra de Basquiat adquiriu muito valor não só pelos seus envolvimento, mas principalmente porque traz no âmago o grito das metrópoles e impressiona pelo despojamento.

Alex Vallauri: fez interferências Urbana-Grafite que é uma documentação áudio-visual resultante de um trabalho seu de três anos apresentado na Pinacoteca do Estado de São Paulo em sua individual intitulada: Muros de São Paulo.

Ganhou, em 1981, o prêmio Arte Comunicação da Associação Paulista de Críticos de Arte, pelo conjunto de sua obra.

As grandes características do trabalho de Alex Vallauri é o interesse de resgatar o passado, o apropriar-se das imagens, a recontextualização dos significados e as intervenções no cenário urbano. Alex Vallauri, o principal precursor do graffiti no Brasil. Era ítalo-etíope e chegou ao Brasil, vindo de Buenos Aires, em 1964. Desde então, costumava desenhar mulheres do Porto de Santos em trajes íntimos. De 1978 a 1980, começou a executar suas máscaras em São Paulo, onde passou a morar para estudar na FAAP, da qual viria a ser professor. Seus primeiros grafites eram muito simples, mas foram sendo aprimorados. Junto com a bota de mulher foi acrescentada uma luva preta; depois, óculos escuros estilo anos 50; finalmente, surgiu uma bela mulher latina. A cidade foi acompanhando essa aparição, cercada de mistérios, com curiosidade, passo a passo, durante os anos 70.

Waldemar Zaidler: é um dos precursores do stencil grafite em São Paulo. Em 1979, começou a grafitar em parceria com Alex Vallauri e Carlos Matuck. Zaidler formou-se na FAU e grafitou na rua até 1985. Com uma sabedoria doce, gosta de contar histórias de grafite e pensar seriamente a intervenção urbana. Continua a criar imagens fortes e sintéticas. Tem hoje uma empresa de design gráfico. Ajudou a construir a história do grafite em São Paulo, tanto por suas imagens quanto por suas reflexões teóricas sobre elas.

Carlos Matuck: também é precursor do grafite na cidade de São Paulo. Começou a carimbar imagens, juntamente com Alex Vallauri e Waldemar Zaidler, quando só existiam palavras, poesias espalhadas pelos muros. Depois da Bienal de 85, nunca mais grafitou na rua, porém a linguagem nunca deixou sua vida. É artista plástico que desenvolve uma série de trabalhos com estencesis em seu ateliê, como seus recortes *graffitis-portáteis* que são vendidos em lojas de design. Apaixonado

por histórias em quadrinhos e obcecado pelo personagem Tim-Tim. Chegou até a traduzir entrevistas realizadas pelo artista Hergé. Atualmente, está construindo um dos maiores murais de sua vida, um trabalho de 320 metros quadrados para o SESC em São Paulo.

A DISPUTA PELO ESPAÇO VISUAL

O espaço visual nas metrópoles é compreendido pelos lugares físicos e virtuais onde se pode lançar a sua mensagem, a sua marca, o seu preço, produto etc. Esse espaço já não compreende só os muros, as fachadas, as telas, revistas e jornais, mas transpõem-se para o mundo virtual. Também é importante destacar que as campanhas com recursos sonoros na sua maioria sempre estão levando os ouvintes a espaços visuais, geralmente idealizados, o lugar dos “sonhos”, o lugar que supre uma necessidade que se trava uma verdadeira competição para o sucesso. O sucesso de se fazer presente no mundo, de ser visto e de ter sua criação ou produto consagrado, nem que seja de forma efêmera.

Umberto Eco no seu livro “Viagem na irrealidade cotidiana” aborda a utilização do espaço urbano como ação da cópia e não da criação. Essa sociedade, no caso do livro, a americana, que prefere a cópia exata e investe muito nisso acaba criando também marginalizações. São pessoas que estão fora do proposto por ver outros ângulos, além dos que apresentam a “imagens holográficas”. Essas marginalizações estão manifestas em ideias, credos e na forma de representar o mundo.

Esse modelo de ocupação do espaço visual está implicado com o crescimento do grafite nessas sociedades, é produção de nosso tempo como afirmava Wassily Kandinsky que “toda obra de arte é filha de seu tempo e, muitas vezes, mãe de nossos sentimentos”. Isso se traduz na busca de um novo parâmetro para a beleza e para a expressão do eu, distante da expressão pelo poder aquisitivo, pela posse de uma marca cobiçada. É uma nova ideia de poder; é o poder agir no espaço de forma não descompromissada, mas firmando compromissos com outras esferas, outros cânones, por vezes tão rígidos como os primeiros que são

contestados.

A captação da imagem é uma forma ancestral e da maioria dos animais para compreender o mundo. Não importando aqui se o meio para essa captação seja a visão, o tato ou outros sentidos. A “coisa” precisa ser mostrada ou captada para que tenha a sua existência afirmada. Portanto, é no espaço que esse processo “ver” e de “mostrar” se dá, logo esse espaço terá uma conotação quase que sagrada, um motivo de disputa.

Necessitamos do espaço para nos afirmar como seres. As nossas construções afirmam nosso lugar no mundo, a disposição com a qual montamos as cidades mostra a forma como concebemos o espaço. O espaço está diretamente ligado a nossa personalidade social e individual; quando interferimos nesse espaço é para agregar ou retirar conteúdos que influenciarão diretamente os seres que o habitam. A ofensa ao espaço é ofensa às ideologias. Portanto, a interferência no espaço coletivo busca gerar a interferência no pensamento do homem.

ABORDAGEM DO TEMA NA SALA DE AULA

Para expor sobre os trabalhos realizados fez-se necessário abordar esse processo em duas etapas: o momento da pesquisa e o momento da implementação. A sala de aula constitui-se um grande momento para se confrontar teoria e prática, não só de correntes pedagógicas, mas também de estudos das mais variadas ciências e artes. Portanto, essa pesquisa, aqui referida, quando da sua implementação tomou novos rumos e até mudou alguns dos objetivos traçados inicialmente.

Fazer o aluno do Ensino Médio pensar sua realidade têm sido um dos objetivos mais comuns nos programas escolares, porém, é raro nos planejamentos de Arte. Como a Disciplina de Arte pode deixar uma manifestação social tão marcante pela recorrência e força expressiva e proximidade ao educando, passar sem ser objeto de estudo? Quem sabe se no próprio entendimento dos professores de Arte, a pichação e o grafite são mais umas das manifestações que já estão

consolidadas e não há muito o que se investigar.

Neste trabalho, procura-se aproximar dos “olhos” o que não é visto, ou melhor dizendo, do que não se torna visível. Dessa necessidade de ver causas intrínsecas e extrínsecas ao ato de pichar e grafitar é que se lança mão da construção do pensamento filosófico de Jean Baudrillard.

J. Baudrillard no seu livro “A sombra das maiorias silenciosas” destaca que a massa não tem pensamento definido e nem manifesta sua vontade. A característica da apatia não é própria das massas, quando ela é acusada de apática isto é feito pelos poderes estabelecidos, intelectuais e políticos. Portanto para ele, as massas são desprovidas de quaisquer formas de manifestação. A passividade das populações diante da realidade também não é proposital, as massas, em última instância, não se manifestam, elas coexistem com os acontecimentos.

Diante das reflexões de J. Baudrillard, no confronto das mesmas com o ato da pichação e do grafite, pode parecer uma comparação contraditória. Porém, o que se quer denotar é que o ato de pichar e grafitar em alguns momentos é uma tentativa de manifestação singular diante do mundo, ou ato de desespero de indivíduos que querem por voz na boca das massas, através da linha, da cor e da forma:

A revolta radical, nestas condições, está inicialmente em dizer: “Eu existo, eu sou tal, eu habito esta ou aquela rua, eu vivo aqui e agora”. Mas isso seria apenas a revolta da identidade: combater o anonimato reivindicando um nome e uma realidade próprios. Os grafitis vão mais longe: ao anonimato eles opõem nomes, mas sim pseudônimos. (BAUDRILLARD,1979, p.37)

A força do grafite vem em decorrência da falta de manifestação das massas, mesmo quando são apáticas e não se colocam diante das realidades. Desse posicionamento reforça-se a ideia de que o grafite se torna um ato de crítica a esta postura da sociedade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO

A visão que adolescentes e jovens têm do grafite e da pichação é diferente da visão adulta, como também, das autoridades que são nomeadas para gerir a

cidade. Eles também pensam que pichação é ato desconexo de vandalismo e que o grafite até pode ser interpretado como arte desde que seja feito em certos padrões de técnicas do desenho e da pintura e que seja autorizado. Aqui se encontra o problema da visão da simples constatação ou apropriação de um conceito do senso comum. Diante dessa realidade, foi necessário fazer o estudante pensar porque ele pensa assim, antes mesmo de se analisar as causas e as consequências do ato de pichar e grafitar.

Desmistificar pensamentos em sala de aula exige também, certa cautela para não levar o assunto de objeto de estudo, onde o sujeito coloca-se a distância do problema estudado, para uma postura de envolvimento passional com a questão. Na implementação optou-se por colocar como uma das estratégias a elaboração de trabalhos de grafite, tendo como objetivo principal, olhar o grafite numa ótica de análise pictográfica, ou seja, pensar as questões sociais envolvidas e criar argumentação, sem necessariamente partir para o lugar comum do fazer sem elaboração de pensamento.

A colocação das dimensões histórico-sociais, citadas acima, foram desenvolvidas no período de um mês. Nessas aulas, um dos objetivos principais era abordar o sentido sociológico e filosófico do grafite para a partir dela se analisar as questões artísticas. Embora a disciplina em questão seja a Arte, chegou-se ao entendimento de que essas manifestações sociais que lançam mão de elementos da arte devem ser pensadas em toda a sua contextualização, mesmo antes de sofrer uma análise puramente estética.

Um dos objetivos do Programa de Desenvolvimento Educacional é levar os resultados da pesquisa desenvolvida pelo professor para a sala de aula. Esses resultados devem chegar até os alunos em forma de implementação de aulas com atividades específicas, montadas com estratégias que leve o conhecimento pesquisado para ser adquirido pelo aluno.

A disciplina de Arte caminha hoje, para um aprimoramento na sua concepção que partiu de várias discussões em caráter nacional e que vem procurando dar mais profundidade a esta área. O assunto grafite pode ser trabalhado em séries variadas, porém a sua abordagem deve se adequar à realidade e ao nível de conhecimento identificado pela série em que o aluno esteja.

Optou-se, portanto por se trabalhar com alunos do ensino médio. Acredita-se que o aluno do ensino médio já conseguiu processar uma quantidade razoável de conteúdos, portanto já pode se deparar com assuntos e discussões mais complexos.

O que tinha-se em mente como objetivo não era privilegiar aos alunos uma prática de grafite ou atividades próximas ao gênero, era importante que o aluno, pudesse estudar e refletir sobre o grafite e a pichação como manifestação artística e sociológica. O aluno deveria ser levado a investigar as variadas implicações do grafite e da pichação, utilizando a pesquisa do professor e realizando outras pesquisas para construir argumentação e conhecimento. Também perceber em seu entorno como essas manifestações aparecem, registrar isso com utilização da tecnologia disponível e elaborar esse material, levando-o para sala de aula com a finalidade de criar fruição, apreciação, debate e questionamentos.

Foram montadas as aulas com atividades próprias nos objetivos traçados, nelas, os alunos se inteiraram e conheceram conceitualmente o que é grafite e o que é pichação, assistiram projeção de documentários em forma de vídeos e fizeram discussões, onde puderam se posicionar diante dos problemas apresentados.

Algumas produções e estudos de letras⁴ em “Wild Style” “Bomber” e “3D” assim como confecção de “Pop Stencil” ou máscara também foram aplicados em algumas aulas com a finalidade de levar o aluno a experimentar o processo em que o grafiteiro se lança para obter um resultado.

Uma das propostas foi a pesquisa de campo em que o aluno teria que coletar em forma de fotografia imagens de seu bairro ou da cidade. Assim feito, o passo seguinte foi editar o material com os recursos disponíveis e apresentá-lo ao restante da turma. Diante dessas apresentações, o grupo poderia fazer questionamentos aos autores e gerar uma conversa informativa sobre o trabalho. Nesse trabalho o aluno iria mostrar a sua compreensão do que foi aprendido a cerca do grafite e da pichação.

Nas discussões foi possível perceber como são variadas as formas de perceber as manifestações estéticas presentes no universo dos alunos. A análise de

⁴ “Wild Style” - uma das primeiras formas de letras no grafite caracteriza-se por letras incompreensíveis com presença de setas, “Bomber”; letras arredondadas ainda muito usadas no grafite, formas simplificadas, “3D”; letras com a ilusão de tridimensional, tem o trabalho de luz e sombra como efeito básico e “Pop Stencil”; impressão adquirida através de uma superfície vazada onde se aplica tinta spray.

cada um depende muito do meio em que vive da escolaridade dos pais e dos encaminhamentos dados nas escolas nas quais estes estudam. Alguns, diante do grafite e da pichação preferem avaliar como sendo uma atividade marginal, ligada ao vandalismo e aos comportamentos ilegais como uso de drogas, formação de gangues e roubo. Outros, já por presar em fazer uma crítica mais aprofundada da sociedade, procuram ver as causas da pichação e do grafite, tentam desvendar quais os interesses estéticos do grafite e quais as diferenças de estilos. Também há os que se identificam ou simpatizam com essas ações e as defendem parcialmente.

No resultado do trabalho de implementação, acabou-se por perceber que não é mais possível a escola deixar essa manifestação social fora das discussões e dos estudos. O assunto gera indagações em áreas da distribuição de renda, da educação, da arte, etc. O que ficou evidente é que o aluno tem seu posicionamento, e que cabe a escola estabelecer esses confrontos.

CONCLUSÃO

Uma afirmação evidente é que o grafite e pichação fazem parte da realidade dos estudantes, nas suas mais variadas faixas etárias. Porém existem questões que se faz necessário colocar em evidência: por que se encontra maior número de grafite e principalmente pichações nos espaços das escolas públicas e menos nas particulares? Porque na escola pública já existe uma postura comum de ceder muros e outros locais para o trabalho de grafite? Onde estão os grafiteiros da escola particular? Será que eles existem?

São questões que podem ser interpretadas em um primeiro momento como irrelevante, desnecessária para o processo educacional, mas se bem investigadas, irão suscitar problemáticas de ordem social, que toda a sociedade tem consciência, mas a estrutura da educação prefere não lidar com elas, primeiro porque as pensa como irrelevante e segundo porque são questões estruturais da sociedade e para a escola se torna falácia na maioria das vezes estudar os aspectos problemáticos da estrutura da sociedade.

O aluno que está nas instituições particulares e os que estão na escola pública nem sempre pertence à mesma classe social. O poder aquisitivo aqui é determinante nessa distribuição na ocupação de vagas, bem como a visão de educação na qual o aluno e os seus responsáveis estão inseridos. Mas é importante destacar que há uma porcentagem considerável de pessoas que vem das escolas públicas e ingressam nos cursos superiores particulares, pois ali encontram menor concorrência. O aluno, geralmente, muda de postura conforme a instituição. Quem pensava que o espaço da escola que, por “ser do povo”, os estudantes tinham o direito de interferir com grafites, começa a deixar essa ideologia quando está freqüentando um espaço particular.

A escola se sente desprotegida diante de uma onda poderosa de pessoas que espalham suas imagens incompreensíveis e muitas vezes com construções plásticas admiráveis, algumas delas preferem se “aliar” aos grupos, liberando seus muros, do que combatê-los.

A escola pública, além das controvérsias quanto ao seu papel, para as sociedades mais carentes, também representa uma espaço de disputa. Lá existe um poder constituído que pode dar ou não aberturas para o mundo que gera recursos, que dá acesso ao poder econômico, que insere as pessoas no mercado de trabalho, esta compreensão acontece de maneira tradicional. Para muitos pais e alunos é difícil aceitar que o sucesso de seu futuro esteja presente nos bancos escolares. Neste contexto, principalmente a pichação e o vandalismo aparece como uma resposta ao que a sociedade pensa sobre a escola.

A pichação, muito mais do que o grafite é mais comum no espaço público da educação. Por que esse estudante picha mais? Será que tem maior oportunidade para pichar? A ideia de investimento fica latente nessa postura. O que não se paga pode ser alvo de interferências e o que foi pago, não pode sofrer danos, pois “custou caro”. Remontado situações das ocorrências de grafites e pichações nas cidades, verificamos que os prédios abandonados são sempre os alvos para essas manifestações, já que são mais fáceis do que os que estão sendo cuidados. Um prédio abandonado é um espaço que praticamente não se sabe a função, por isso pode ser pichado, grafitado ou em situação pior, depredado. O que isso se assemelha às escolas públicas? É possível fazer analogia? Infelizmente sim; trata-

se da forma de conceber, de pensar, de ver, aqui a visão não como um processo físico e óptico, mas como uma elaboração de pensamentos quer seja na estética quer seja na funcionalidade.

Quando a escola publica libera seus muros para trabalhos de grafite, numa avaliação imediata quer dizer que está se inteirando das questões sociais, que se insere no pensamento do jovem ou que está se contextualizando. Mas a escola, para ter sucesso, não está para ceder a questões que ela não tem certeza de sua contribuição para a educação. A clareza do objetivo da escola se fará presente quando ela puder dizer não e argumentar sem dramas da consciência pedagógica. Se existem instituições que não cedem a esse tipo de atividade, geralmente não é por ter claro uma posição educacional, mas por que sua estrutura lhe possibilita coibir, vigiar e repor os danos. Portanto, o grafite na escola, é mais um dos aspectos do embate que se trava no espaço físico e ideológico das diferenças econômicas que influenciam na educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCHI, Rodrigo. **Pichar, pixar, grafitar, colar: os discursos e representações sobre as pichações nas escolas analisados na perspectiva ambiental e libertária**. Disponível em < <http://www.revistateias.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/185/185> > . Acesso em: 12 jun 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. CINE OLHO, Revista de Cinema, nº. 5/6. Artigo **A insurreição pelos signos de Kool Killer**, São Paulo. 1979.
- BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- BRASIL. **LDB 9.394/96**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- CALLIGARIS, Contardo. **Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000
- DUTRA, Liria Romero. **A Escrita das ruas em Porto Alegre: a pichação e o grafite**. Disponível em: < www.polemica.uerj.br/pol15/cquestoesc/sociedade_2-main.htm > Acesso em: 10 mai 2008.

ECO, Umberto, **Viagem na Irrealidade Cotidiana**, Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1984

ENTREVISTAS HISTÓRICAS. http://www.stencilbrasil.com.br/depoimento_01.htm, acesso em 08 de dez 2009.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999

LAGES E SILVA, Rodrigo. **Escutando a adolescência nas grandes cidades através do grafite**. Disponível em < http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400002&lng=pt&nrm=is> Acesso em: 25 mai 2008.

PARANA, vários autores. **Arte**. Curitiba, SEED-PR, 2006, 336 p.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, pichação & cia**. São Paulo: ANNABLUME, 1994

SOUSA, Janice T. P. de. **Reinvenções da Utopia: a Militância Política dos Jovens**. São Paulo: Hacker Editora, 1999

STRICKLAND, Carol, **Arte Comentada: da Pré-Historia ao Pós Moderno**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.